



UMA HISTÓRIA DE AMIZADE & AMOR: QUESTÕES DE LUTO E GÊNERO EM “AS INSEPARÁVEIS” DE SIMONE DE BEAUVOIR

A STORY OF FRIENDSHIP, LOVE, AND GENDER ISSUES IN “THE INSEPARABLES” BY SIMONE DE BEAUVOIR

 <https://doi.org/10.46401/ardh.2024.v16.21235>

Jessica Ferreira Alves

Universidade Federal de Mato Grosso

 <https://orcid.org/0000-0002-4073-6608>

alves.jessica12@hotmail.com

Róbson Pereira da Silva

Universidade Federal de São Carlos (DCSo/UFSCar)

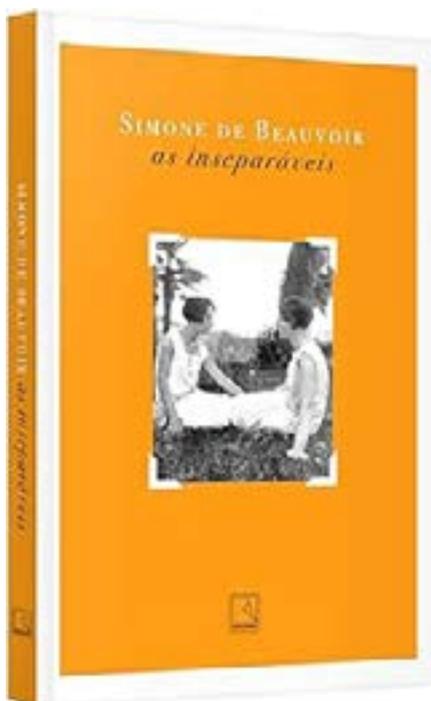
 <https://orcid.org/0000-0001-6517-0842>

rpsilva@ufscar.br

Recebido em 10 de fevereiro de 2024

Aceito em 20 de abril de 2024

BEAUVOIR, Simone de. **As inseparáveis**. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2021.



Quem sabe
Um dia
Por uma alameda
Do zoológico
Ela também chegará
Ela que também
Amava os animais
Entrará sorridente
Assim como está
Na foto sobre a mesa
Ela é tão bonita
Ela é tão bonita
Que na certa
Eles a ressuscitarão
O século trinta vencerá
O coração destrozado já
(Poema de Vladimir Vladimirovitch Maiakóvski -
Tornado canção por Caetano Veloso / Ney Costa
Santos Filho)

*"Tem pessoas que a gente
Não esquece nem se esquecer."
(Rita Lee)*

*a amizade é o espaço em que a maioria de nós tem
seu primeiro vislumbre de amor redentor e comuni-
dade carinhosa. Aprender a amar em amizades nos
fortalece de formas que nos permitem levar esse
amor para outras interações com a família ou com
laços românticos.
(bell hooks)*

As inseparáveis é um romance póstumo autobiográfico que foi escrito em 1954, no qual Simone de Beauvoir remonta memórias de sua juventude e amizade com Élisabeth Lacoin (Zaza). Publicado em 2021, pela editora Record, o livro conta com 127 páginas, sendo que dentre elas está também uma seleção de fotografias da própria Beauvoir que contam sobre algumas das personagens que fizeram parte desta história.

A obra inclui um prefácio breve, mas também rico e esclarecedor, que foi escrito por Sylvie Le Bom de Beauvoir, filha de Simone de Beauvoir. Logo de início Sylvie Le Bom narra a forma como as duas amigas se conheceram, que foi ainda durante a infância quando Simone tinha apenas nove anos e uma garotinha se sentou ao seu lado na escola católica Adeline Desir. Apenas alguns dias mais velha que Beauvoir, Zaza contrastava com aquele ambiente e pessoas, pois era uma garota ousada, espontânea, divertida.

Não demorou muito para que as meninas se aproximassem bastante, logo as duas começaram a disputar o primeiro lugar na classe e algumas professoras estavam as definindo como as inseparáveis. Embora não fosse triste com sua família, Simone passa a nutrir um forte sentimento por Zaza e, então, passa a venerá-la, a querer sempre agradá-la. As suas conversas com a amiga eram de grande importância para:

[...] O que é esse sentimento inominado que, sob o rótulo convencional da amizade, abrasa seu coração jovem no deslumbramento e nos transes, senão o amor? Bem depressa ela entende que Zaza não sente um apego análogo, nem desconfia da intensidade do seu, mas que importa, diante do êxtase de amar? (BEAUVOIR, 2021, p. 06)

No dia 25 de novembro de 1929, um dos maiores medos de Beauvoir se tornou realidade, Zaza faleceu, repentinamente, um mês antes de completar 22 anos de idade. Foi totalmente imprevisível, essa tragédia viria a assombrar Simone por muitos anos, e a forma que ela encontrou para não deixar com que a amiga caísse no esquecimento foi utilizando a literatura. Deste modo, Beauvoir tentou “ressuscitar” Zaza por meio de quatro de suas obras, em romances de sua juventude, na sua coletânea *Quando o espiritual domina*, bem como em um trecho suprimido de *Os mandarins*. No ano de 1954, a filósofa tentou “reviver” a amiga em uma novela que ficou sem título e que, posteriormente, viria a ser publicada como *As inseparáveis*, em 1958. Zaza também apareceu no texto autobiográfico de Simone chamado *Memórias de uma moça bem-comportada*, no qual acrescentou a história da falecida amiga.

Sylvie Le Bom de Beauvoir relata no referido prefácio que o fato de Simone ter sobrevivido fez com que ela desenvolvesse uma espécie de culpa. Um quadro desencadeado e sustentado pela culpa de quem sobreviveu a uma perda inestimável. Além disso, a visão que ela tinha em relação ao falecimento de Zaza é de que a garota foi assassinada pela vida social, pois em meio a pressão de forçá-la a se encaixar naquele padrão exigido para a época, isso foi a desgastando até matá-la: “[...] Zaza morreu porque tentou ser ela mesma e foi convencida de que essa pretensão era um mal.” (BEAUVOIR, 2021, p. 08)

Quanto a escolha de Beauvoir pela ficção para narrar a história desta amizade, foi necessário que várias modificações e transposições fossem feitas. Sendo que uma delas é a mudança de nomes dos personagens, pois Simone de Beauvoir passará a ser Sylvie Lepage, Élisabeth Lacoïn dá lugar a Andrée Gallard, demais nomes e lugares também sofrem modificações, e não menos importante, Maurice Merleau-Ponty recebe uma nova identidade na narrativa, passando a se chamar Pascal Blondel.

Antes do início do primeiro capítulo, Beauvoir escreveu uma dedicatória para Zaza, onde fica evidente o sentimento de tristeza com o qual ela estava lidando desde a partida da amiga, e não se limitando a isso. Em poucas palavras, fica bem óbvio a forma como ela se culpa por estar viva, e que somente a literatura tornou possível para que lhe falasse, embora Élisabeth não pudesse ler. E por fim, reforça que não se trata da história de Zaza, é apenas uma história inspirada nelas, pois no fim, Sylvie e Andrée não são de fato seus nomes.

Simone de Beauvoir inicia o primeiro capítulo narrando a história de uma Sylvie de apenas 9 anos de idade, que segundo ela, se tratava de uma garotinha muito comportada. Mas que isso nem sempre foi assim, pois na primeira infância tinha um gênio que muitas vezes era considerado como difícil, chegando ao ponto de uma vez até mesmo uma de suas tias declarar seriamente que “Sylvie estava possuída pelo demônio”. (BEAUVOIR, 2021, p. 17).

Como foi exposto no prefácio, a história de *As inseparáveis* e *Memórias de uma moça bem comportada* se conectam em vários pontos, deste modo, Beauvoir relata em sua autobiografia como se deu essa passagem da primeira infância para uma garota bem comportada: “Eu me metamorfoseara definitivamente em menina bem-comportada. No início, criara artificialmente a personagem: valera-me tantos elogios, de que tirei tão grandes satisfações, que acabei me identificando com ela: tornou-se minha única verdade” (BEAUVOIR, 2018, p. 33).

Grande parte da razão desta mudança acontecer foi por causa da religião, guerra e a relação familiar de Sylvie/Simone com os seus pais. Assim, quando Andrée aparece no Colégio Desir, ela imediatamente chama atenção por seu jeito espontâneo e personagem que até mesmo parecia impertinência.

Sylvie a descreve como uma garotinha de cabelo curto, liso e preto, com olhos brilhantes e escuros que a olhava com intensidade, seu rosto era magro e ela parecia ser mais nova, fato este que logo em seguida foi esclarecido por Andrée, ao relatar que ela tinha crescido pouco e também parecia mais nova do que realmente era, graças a um acidente que aconteceu ainda na infância, do qual resultou uma queimadura profunda em sua coxa direita a ponto de chegar até o osso.

Ao explicar para Sylvie que foi preciso interromper seus estudos por cerca de um ano, Andrée pede o caderno da garota emprestado sob o argumento de que haviam lhe informado de que ela era a aluna número um da sala. Foi a partir disso que surgiu a amizade das duas, ainda que logo de início foi possível notar grandes diferenças em relação a elas. Enquanto Sylvie tinha uma família menor, estudava no colégio já a algum tempo e que a mãe tinha cuidado de buscá-la todos os dias após a aula, Andrée vinha de uma família maior e graças a isso sua educação até então tinha sido toda dentro de casa, com uma grande quantidade de irmãos, isso fazia com que a sra. Gallard permitisse que a garotinha fosse embora sozinha, pois não poderia ficar se dedicando a ir busca-la na escola. Com receio de uma menina tão nova estar andando sozinha, Sylvie e sua mãe passam

a acompanhar Andrée por grande parte do caminho.

A amizade das meninas foi se fortalecendo, a ponto de elas também manterem o contato mesmo durante as férias, onde trocaram correspondências.

O carinho que Sylvie sentia por Andrée aumentava cada vez mais, em diversas situações perguntava-se se era correspondida por ela igualmente, ou se a amiga também tinha medo de algum dia perdê-la também. Devido a admiração e o afeto que tinha pela outra, a jovem sentia cada vez mais necessidade de a agradar, presentear. E foi em meio a uma dessas situações, que ao dar uma bolsa a Andrée pelo seu aniversário em que ela mesmo fizera e sua mãe a ajudou, Sylvie pôde notar pela reação da sra. Gallard diante do presente que agora ela tinha deixado de gostar dela.

No entanto, Sylvie demonstra admiração pela perspicácia da sra. Gallard, pois naquele momento a mulher já tinha notado que ela estava mudando. Com uma personalidade mais atrevida, passou a ter dificuldades em simplesmente aceitar tudo que lhe era dito e imposto na igreja, se até algum tempo atrás ela via a imagem do padre como o representante direto de Deus, agora já conseguia ver também a hipocrisia que vinha dele. Então se reconfortou ao perceber que não só seu próprio pai, mas também vários autores que admiravam não acreditavam em Deus, então não estava de fato errada. Porém, com isso vinha outro temor, de que Andrée em algum momento descobrisse seu segredo. Seu único conforto em relação a isso é que elas não costumavam conversar a respeito de sexualidade ou religião, portanto, pelo menos por enquanto seu segredo estava seguro, embora o medo de ser descoberta ainda lhe aterrorizava.

A medida que foram envelhecendo, as garotas tinham perspectivas diferentes sobre a vida, enquanto Andrée tinha se acostumado com a ideia de se casar, embora ela afirmasse que não o faria antes dos 22 anos, Sylvie ainda preferia se manter focada nos estudos, nos livros, sem ter que se preocupar com quem iria casar e se teria que casar.

No capítulo dois podemos notar que após muita insistência a sra. Gallard permitiu que Andrée estudasse três anos na Sorbonne, então a garota escolheu o curso de letras e Sylvie o de filosofia. Ainda que estudassem juntas na biblioteca por várias horas, nas aulas, Sylvie permanecia sozinha, e foi aí que ela descobriu ter afinidades com um rapaz chamado Pascal Blondel (Maurice Merleau-Ponty), que após várias horas de conversa, por fim decidiram formar uma equipe.

Essa proximidade de Sylvie e Pascal foi o que tornou possível a aproximação dele e de Andrée, que acabaram se apaixonando. No entanto, dada a idade dela e o fato de pertencer a uma família tão grande, os deveres que ela tinha que cumprir estavam a deixando desgastada e exausta, dores de cabeça se tornaram comuns e até mesmo a sua amizade com Sylvie passou a ser vista como um problema, pois agora elas nem mesmo poderiam compartilhar um quarto sozinhas durante a temporada de férias.

Isso foi deixando Andrée tão desesperada que na tentativa de obter um pouco de paz, a garota cortou o próprio pé com um machado, mas que de acordo com Sylvie, após um pouco de repouso, a amiga parecia realmente melhor e até mais corada, era como se tivesse se recuperando parcialmente de toda aquela exaustão.

Essa mudança que aconteceu na vida de Andrée se deve a passagem da infância para a adolescência. Sobre essa fase, Beauvoir aborda essa questão em *O segundo sexo* em um capítulo intitulado “A jovem”:

Durante toda a infância a menina foi reprimida e mutilada; entretanto, percebia-se como um indivíduo autônomo; em suas relações com os pais, os amigos, em seus estudos e jogos, descobria-se então como uma transcendência: nada fazia senão sonhar com sua futura passividade. Uma vez púbere, o futuro não somente se aproxima, instala-se em seu corpo, torna-se a realidade mais concreta. [...] Já desligada de seu passado de criança, o presente só lhe aparece como uma transição; ela não descobre nele nenhum fim válido, mas tão somente ocupações. De uma maneira mais ou menos velada, sua juventude consome-se na espera. Ela aguarda o Homem. (BEAUVOIR, 2019, p. 75)

Ainda que Sylvie tivesse vindo de uma família com status parecido com o da família de Andrée, o fato de seu pai ter perdido parte da fortuna e não ter condições de oferecer bons dotes para casar as filhas fez com que ela não vivenciasse essa situação da mesma forma que a amiga, que já temia desde cedo acabar em uma situação semelhante com a da irmã mais velha que aos 28 anos ainda era uma “solteirona”, e naquele período isso era considerado como fracasso, portanto, seria necessário um bom casamento para livrá-la desse “terrível destino”.

A infelicidade de Andrée não parou por aí. Depois de muita luta para que seus pais aceitassem Pascal como um pretendente, uma vez que ele pertencia a uma posição social um pouco inferior se comparada com a da família Gallard, ainda assim o rapaz não quis noivar com ela naquele momento mesmo dizendo a

amar muito. A tristeza, decepção aliadas aos exaustivos deveres de casa foram minando toda a felicidade da jovem, que nem mesmo podia se dar ao luxo de ficar mais do que cinco minutos conversando com a amiga de infância.

Andrée adoeceu e sua piora aconteceu durante a visita a casa de Pascal em busca da aprovação do pai dele. Diante do seu estado, o médico prescreveu calmantes, falou de meningite, encefalite, mas não se definiu o diagnóstico precisamente. Após uma noite de delírios, a sra. Gallard informou que a filha precisou ser isolada por ordem médica. Após três dias internada e acompanhada por uma enfermeira, em meio as divagações ela pedia sempre por: Pascal, Sylvie, o violino dela e champanhe. (BEAUVOIR, 2021, p. 126)

Pouco antes de falecer, a jovem apertou a mão da mãe, que era uma das pessoas que ela mais admirava e lhe disse a seguinte frase: “Não fique triste. Em todas as famílias alguém não presta: quem não presta sou eu.” (BEAUVOIR, 2021, p. 126)

Andrée que era uma moça tão viva, espontânea, faleceu em uma clínica, em meio as paredes brancas e sufocada por elas.

Esse sentimento da perda é constantemente abordado também em *Memórias de uma moça bem-comportada*, onde Beauvoir não só descreve todos os acontecimentos, mas também detalha como a morte de Zaza lhe afetou e as reflexões resultantes disso:

Os médicos falaram de meningite, de encefalite, nada se soube ao certo. Tratava-se de uma doença contagiosa, de um acidente? Ou Zaza sucumbira a um excesso de fadiga e angústia? Muitas vezes à noite ela me apareceu, toda amarela sob o chapeuzinho cor-de-rosa, e me olhava com reprovação. Juntas havíamos lutado contra o destino abjeto que nos espreitava, e pensei durante muito tempo que pagara minha liberdade com a sua morte. (BEAUVOIR, 2018, p. 313)

Para Simone de Beauvoir não foi possível superar a morte tão repentina da amiga, e como dito anteriormente, foi através da literatura que a filósofa manteve a memória de Zaza viva, a ressuscitando em várias obras, mas sendo *As inseparáveis* totalmente dedicada a história delas. Isso foi possível pois ela utilizou a literatura para corporificar parte da sua dor. Neste sentido, André Salomão das Neves em sua monografia intitulada *A escrita autoficcional como estetização do luto e da dor*, ao analisar duas obras, que são intituladas *Fora do Tempo* (2011) de David Grossman e *O pai da menina morta* (2018) do autor Tiago Ferro, com as quais os pais lidam com a dor de perder os filhos, afirma que:

Em outras palavras, percebe-se que os autores fizeram uso do que é factual para se simularem ficcionalmente. Além do denominador comum que trata do processo de ficcionalização da realidade, que é uma das engrenagens do mecanismo auto ficcional, em relação às duas obras aqui debatidas, desprende-se um outro denominador: o luto. A pessoa enlutada passa por várias fases até que o trauma de perder um filho, por exemplo, seja reelaborado, portanto, passe a ter um novo sentido. (NEVES, 2021, p. 17)

Esse processo de misturar fato e ficção é o que se denomina escrita autoficcional, e é através dela que Simone de Beauvoir conseguiu expressar seu luto em relação a Zaza, utilizando da literatura para demonstrar todo o seu sofrimento, angústia e culpa. Seja em *Memórias de uma moça bem comportada* onde o texto tem estruturas de um diário e se trata de uma autobiografia, ou até mesmo em *As inseparáveis*, que tem o formato de ficção e que inclusive os sujeitos assumem outros nomes como se tratassem de outras personagens, Beauvoir invoca Zaza em cada uma dessas obras tentando demonstrar o quão doloroso tem sido ter que lidar com o luto da perda de sua melhor amiga, e não somente isso, mas que isso também vem acompanhado do sentimento de sobreviver, e também por possivelmente conseguir ter sua liberdade enquanto Élisabeth Lacoïn teve sua individualidade tão sufocada a ponto de ir morrendo aos poucos ao ser submetida as obrigações e costumes exigidos na época.

Embora o luto tenha sido um dos principais motivos que levou Simone de Beauvoir a ressuscitar Zaza em tantas obras, de acordo com Larissa Carolina de Andrade em *As inseparáveis, de Simone de Beauvoir: (Não) ser como efeito do dizer*, ao analisar o romance autobiográfico pela ótica da filosofia, ela afirmou que Beauvoir não tinha como único objetivo retratar a morte da melhor amiga, mas também buscava refletir a respeito de si mesma através dessa escrita do eu:

Nota-se, portanto, que essa narrativa não é nem nunca foi somente um memorial dedicado a Zaza, pois, por meio desse discurso também sobre si mesma, Simone de Beauvoir volta a refutar suas crenças passadas, condena um modo de existir apenas aparente, submete-se a uma revisão, não atestando, para tanto, nenhuma máxima conclusiva a respeito de um (im)possível encontro com sua identidade como manifestação de um ser essencial; Sylvie é à medida que faz de si o que é, circunscrita pela situação econômica de sua família, que fora definidora, em certa medida, de sua forma de existir. Sylvie é no presente, enquanto manifestação da consciência discursiva de Simone de Beauvoir, a qual, ao fim de seu projeto autobiográfico, afirma-se inacabada. (ANDRADE, 2022, p. 10)

Essa escrita do eu de Beauvoir se dá por meio de um sujeito constituído na alteridade, na internalização dos amores perdidos e na própria exibição da experiência da perda. Pela literatura, a filósofa faz do enfrentamento da experiência do luto para fora da vida privada de uma amizade, mas torna o amor um instrumento de criação de laços sociais e comunitários de luta contra a precarização da construção mortífera de gênero, sobretudo, quando narra os motivos que mataram a amiga além da doença, ou seja, quando expõe a violência social e de gênero vivida por uma mulher. Segundo Carla Rodrigues (2021), ao dialogar com Judith Butler, o luto produz uma zona de indeterminação do sujeito a partir da condição de desposuído;

Eis o argumento de que a função do luto na filosofia de Butler é a de constituir um laço social a partir da experiência de perda. Há uma zona de indeterminação no sujeito constituído pela alteridade, mas é como se essa indeterminação se tornasse mais explícita na experiência da perda. Aqui é importante observar a dimensão de um segredo: não somos capazes de saber o que perdemos no objeto perdido, e a sua incorporação não se dá completamente. Quando perdemos alguém, nem sempre sabemos o que se perdeu daquela pessoa, mas fazemos a experiência de nos tornar desposuídos. E a desposseção é uma maneira de politizar a perda e o luto, como ela argumentará em 2013, ao publicar *Dispossession: The Performative in the Political*.

Assim, o luto se faz como uma política de memória, na qual nos damos conta de nossa construção social e subjetiva que se apresenta por meio da alteridade, segundo Carla Rodrigues (2021):

Eu como aquele que se constitui na relação com o outro. Minha vida começa antes e continua depois de mim, de tal modo que a própria noção de indivíduo autônomo fica abalada. Somos feitos e desfeitos uns pelos outros, numa rede de relações que nos antecedem, das quais dependemos mesmo sem saber, e continuamos a existir em um trabalho de luto como política de memória.

A obra, *As inseparáveis*, trata então de tornar o luto de duas amigas em uma espécie de totem da complexidade de tornar-se mulher na companhia de outra mulher, mesmo com a perda de uma delas. Assim, quando se manifesta a experiência de perda de uma amiga, a morte se torna um absoluto na configuração de um laço social que, anteriormente, enquanto se construía, o amor era o sustentáculo desse respectivo laço. Assim, escrever sobre esse amor que sobrevive a morte é ingressar numa política de memória. Outrossim, é através dessas reflexões que Beauvoir faz, ao longo de *As inseparáveis* e também em *Memórias de uma moça bem comportada*, que podemos observar o quanto

ela não só sofreu com o luto pela morte de Zaza, mas que também se culpa por projetar que possivelmente foi graças a tudo que aconteceu que ela pôde ter um destino diferente e, com isso, ter sua liberdade, objeto de suas reflexões estéticas e filosóficas, se tornando posteriormente uma mulher independente¹ através dos estudos e o trabalho, o que não pôde ter acontecido com o destino trágico de Zaza. Aqui deixamos um convite para a leitura de uma obra que retrata a relação complexa de duas mulheres e um futuro interrompido pela morte de uma delas, mas que sobreviveu e ressuscitou constantemente nas obras de Simone de Beauvoir, contra a possibilidade do silenciamento de uma vida em seus segredos indecifráveis, na busca constante “do que está perdido no objeto perdido” (RODRIGUES, 2021, p. 128).

Referências

ANDRADE, Larissa Carolina de. As inseparáveis, de Simone de Beauvoir: (Não) ser como efeito do dizer. *Revista Água Viva*, [S. l.], v. 7, n. 3, 2023.

BEAUVOIR, Simone de. *A Força das coisas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BEAUVOIR, Simone de. *A Força das idade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BEAUVOIR, Simone de. *As inseparáveis*. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2021.

BEAUVOIR, Simone de. *Memórias de uma moça bem comportada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo – A Experiência Vivida*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2019.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo – Fatos e Mitos*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

NEVES, André Salomão das. *A escrita autoficcional como estetização do luto e da dor* (Monografia em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021.

RODRIGUES, Carla. *O luto entre clínica e política: Judith Butler para além do gênero*. Autêntica Editora, 2021.[e-book]

¹ Simone de Beauvoir na segunda parte de *O Segundo Sexo* define que a mulher não consegue sua independência somente com o direito de votar ou pelas liberdades cívicas, pois não são elas que vão trazer autonomia a mulher. Assim, a mulher só conseguiu cobrir a maior parte da distância que a separava do homem através do trabalho, então é somente o trabalho que possibilita a uma mulher a real possibilidade de se tornar independente. (BEAUVOIR, 2019, p. 503)